

Organização
Charlotte Galves
Mary A. Kato
Ian Roberts

Português brasileiro

UMA SEGUNDA VIAGEM DIACRÔNICA

Homenagem a Ilza Ribeiro

EDITORA
UNICAMP

Sumário

PREFÁCIO – <i>Charlotte Galves e Mary A. Kato</i>	7
LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS	19
LISTA DE LÍNGUAS E FAMÍLIAS DE LÍNGUAS (COM E SEM SIGLA)	21
1. GRAMÁTICAS “MARGINAIS” E MUDANÇAS SINTÁTICAS “EXTREMAS”: O INGLÊS E O PORTUGUÊS BRASILEIRO – <i>Ian Roberts</i>	23
2. SOBRE O PAPEL DO CONTATO LINGUÍSTICO NAS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – <i>Juanito Ornelas de Avelar</i>	57
3. O SUJEITO NULO REFERENCIAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU – <i>Maria Eugênia Lammoglia Duarte</i>	93
4. REVISITANDO A CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – <i>Charlotte Galves</i>	127
5. CLÍTICOS ACUSATIVOS DE TERCEIRA PESSOA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO CONCORDÂNCIA DE OBJETO – <i>Jairo Nunes</i>	151
6. O OBJETO NULO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: SINCRONIA E DIACRONIA – <i>Sonia Cyrino</i>	173
7. POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – <i>Maria Aparecida Torres Morais e Heloísa Maria M. Lima Salles</i>	201
8. ALGUMAS PARTICULARIDADES DO DP NAS VARIEDADES BRASILEIRAS DO PORTUGUÊS – <i>Ruth E. V. Lopes</i>	225

9.	A AUXILIARIZAÇÃO EM PORTUGUÊS: ASPECTO, NOVAS FORMAS E IMPLICAÇÕES TEÓRICAS – <i>Lorenzo Vitral e Sueli Maria Coelho</i>	253
10.	UMA HISTÓRIA DAS RELATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – <i>Maria Cristina Figueiredo Silva</i>	283
11.	ESTUDOS SOBRE FOCO E INTERROGATIVAS-Q NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: MUDANÇAS SINTÁTICAS E FONOLÓGICAS – <i>Mary A. Kato</i>	313
	POSFÁCIO: DA PRIMEIRA À SEGUNDA VIAGEM – <i>Ian Roberts</i>	337
	SOBRE OS ORGANIZADORES E AUTORES.....	353

Prefácio*

Charlotte Galves

Mary A. Kato

O conjunto de ensaios que compõe este volume expressa os desenvolvimentos dos estudos diacrônicos relativos ao português brasileiro (doravante PB), cujos primeiros passos estavam reunidos no livro *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica*, organizado por Ian Roberts e Mary Kato em 1993. Esta é, portanto, a “segunda viagem”, que dedicamos a Ilza Ribeiro, autora de um capítulo do primeiro livro e incansável incentivadora dos estudos diacrônicos no Brasil, que, infelizmente, nos deixou recentemente. No quarto de século que separa os dois volumes, os caminhos iniciais foram mais sistematicamente explorados e outros começaram a ser trilhados. Uma quantidade enorme de dados novos foi produzida, permitindo entender melhor a natureza e a complexa formação dessa nova vertente da língua portuguesa que se implantou no Brasil. O leitor encontrará aqui temas familiares e recorrentes dos estudos gerativistas e variacionistas a respeito do PB, já presentes no livro anterior, como o sujeito nulo (cap. 3), o enfraquecimento da concordância (cap. 4), a morfossintaxe dos pronomes clíticos (cap. 5), o objeto nulo (cap. 6), a sintaxe da posse (cap. 7), os auxiliares (cap. 9), a expressão da relativização (cap. 10), as construções de Foco e as orações interrogativas (cap. 11). Também deparará com fenômenos não considerados, como o Sintagma Nominal (cap. 8), e com abordagens novas tanto no que diz respeito à descrição e análise dos fenômenos em si, quanto

* Agradecemos a toda a equipe de autores pela colaboração na montagem deste Prefácio.

à sua dinâmica no tempo e às causas de suas mudanças. A questão da relevância do contato linguístico na formação do PB, em particular, é abordada nos dois primeiros capítulos. Como no volume anterior, os estudos apresentados articulam, em graus distintos conforme cada capítulo, abordagem sincrônica e abordagem diacrônica, levantando um leque de questões ligadas tanto à compreensão da natureza gramatical do PB, quanto à dinâmica da sua formação.

A seguir, apresentamos cada contribuição mais em detalhe, apontando para os cruzamentos entre capítulos, que constituem a rede final do livro.

O capítulo de Roberts, que abre o livro, traz o contato linguístico ao centro das discussões, propondo um paralelismo tão interessante quanto inesperado entre o inglês moderno e o PB, ao considerá-los como “marginais sintáticos” nas suas famílias linguísticas respectivas, as línguas germânicas para o primeiro e as românicas para o segundo. Em ambas as línguas, observam-se fenômenos sintáticos que as distinguem muito fortemente das línguas que lhes são geneticamente relacionadas. Com base numa matriz contendo os valores de dez parâmetros em dez línguas românicas e germânicas, o autor evidencia a “marginalidade” do inglês e do PB. O primeiro, por exemplo, é a única língua germânica a não apresentar o fenômeno do verbo em segunda posição (V2) e a possuir “uma classe sintaticamente definível” de auxiliares. O PB, do seu lado, se diferencia das suas congêneres em relação ao movimento do verbo, ao sistema de clíticos e à possibilidade de nomes nus singulares contáveis. No que concerne ao inglês, o autor discute em detalhes a recente proposta de Emonds e Faarlund (2014) de que o inglês médio não é senão o norueguês antigo (*old norske*) relexificado, em decorrência de uma forte situação de contato entre os habitantes saxões e os *vikings* da Grã-Bretanha por volta do ano 1000. Ele refuta tal hipótese com base em vários argumentos. Primeiro, o fato de que não sabemos nada a respeito do norueguês antigo, do qual não subsistiram documentos escritos. Segundo, dada a proximidade genética do inglês antigo com as línguas norte-germânicas, evoluções internas ao inglês poderiam ter sido precipitadas pelo contato. Enfim, as principais mudanças que tornaram o inglês tão diferente das outras línguas germânicas (perda de V2, emergência do auxiliar “do”, entre outras) surgiram séculos depois do contato entre as populações escandinavas e as anglo-saxãs. Isso leva

o autor a concluir que elas foram endógenas (via cascata – cf. Biberauer & Roberts, 2008) ou devidas a um substrato mais antigo, como o celta.

Já, no que tange ao PB, o autor adota a conclusão de Avelar e Galves (2014, 2016) de que as fortes particularidades sintáticas dessa língua em relação às outras línguas românicas são devidas ao contato com as línguas do grupo Bantu trazidas ao Brasil pelo tráfico negreiro, a consequência gramatical desse contato sendo a alteração do valor do parâmetro da concordância de Baker (2008). Nas últimas seções, o autor discute a relação entre contato e mudança paramétrica, indagando em particular se a noção intuitiva de marginalidade tipológica pode receber uma caracterização teórica genuína levando em conta a tipologia de parâmetros proposta por Biberauer e Roberts (2012, 2016).

O efeito do contato na mudança linguística é também o objeto do capítulo 2, de Avelar, que discute o papel do aporte africano, em particular do grupo das línguas Bantu, na origem do PB, a partir da observação de fatos gramaticais estranhos ao português europeu (doravante PE), mas largamente identificados em variedades brasileiras e africanas da língua. O objetivo é associar essa convergência gramatical atestada no eixo África-Brasil a mudanças desencadeadas por contato, que produziram traços inovadores idênticos ou similares nos dois lados do Atlântico. Retomando a proposta de Avelar e Galves (2014), o autor faz uma distinção entre os fenômenos que resultam da transferência de padrões frásicos de L1 para L2 e aqueles que correspondem a inovações desencadeadas pela dificuldade de aprendizagem da língua-alvo por falantes de línguas muito distintas. Dentre os primeiros encontram-se as construções muito geralmente cunhadas de “tópico-sujeito”, que abrangem inversão locativa e alçamento do possuidor, cuja característica inovadora no PB é a realização da concordância entre o verbo e o sintagma fronteado. Essas construções são comuns nas línguas do grupo Bantu, como o são também as estruturas de hiperalçamento, muito discutidas na literatura sobre o PB na última década. Convém ressaltar que os fatos gramaticais abordados envolvem propriedades da chamada *posição sujeito* e vêm sendo apresentados na literatura como associados a mudanças no licenciamento de sujeitos nulos e/ou relacionados ao estatuto de *língua com proeminência de tópico* atribuído ao PB. Central na discussão é a simplificação do paradigma verbo-flexional, também discutida nos capítulos 3 (sujeito nulo) e 4 (o

enfraquecimento da concordância), cuja causa tem sido atribuída à perda das flexões de segunda pessoa do singular (ligada à generalização da forma de tratamento “você”, cf. cap. 3) e primeira do plural, mas se deve possivelmente a alterações desencadeadas pela aquisição do português como segunda língua, o que nos remete ao segundo efeito do contato mencionado acima. A conclusão do capítulo é a de que existem razões fortes o suficiente para investir em uma agenda de investigação voltada às dinâmicas de contato linguístico no Brasil e na África, na tentativa de elucidar importantes questões históricas sobre a formação do PB.

O capítulo 3, de Duarte, foca um aspecto do PB longamente debatido desde os anos 1980, uma vez que põe em questão um dos fenômenos emblemáticos da Teoria de Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986), o sujeito nulo. Análises sincrônicas e diacrônicas desse fenômeno no PB são rediscutidas à luz de um refinamento dos contextos que ainda licenciam o sujeito nulo nessa língua. A análise diacrônica se baseia num amplo conjunto de trabalhos efetuados tendo como base um *corpus* de peças teatrais escritas e apresentadas no Rio de Janeiro, entre 1845 e 1992, que mostram a gradual diminuição do sujeito nulo, e sua substituição por pronomes lexicais, na expressão do sujeito anafórico. Busca-se, por outra parte, numa análise contrastiva da fala brasileira e portuguesa gravada entre os anos 2009 e 2010, apontar os principais aspectos que distinguem as duas variedades. Os resultados mostram, por um lado, comportamentos quantitativamente distintos, mas ainda sujeitos às mesmas restrições estruturais, o que permite entender os caminhos que levam à implementação do pronome expresso e ainda à admissão de sujeitos nulos. Por outro lado, reforçam o papel da proeminência de um elemento saliente, sintaticamente acessível, na identificação do sujeito nulo, questão retomada no capítulo 5 a respeito do enfraquecimento da concordância. Contudo, os estudos tanto diacrônicos quanto sincrônicos confirmam que, mesmo com tal elemento proeminente, o sujeito expresso é amplamente preferido no PB. Esses resultados contribuem também para levantar questões sobre o estatuto de língua de sujeito nulo “parcial” atribuído ao PB – questão igualmente retomada no capítulo 5. Diante da impossibilidade de obter dados comparáveis em outras línguas alegadamente do mesmo tipo, torna-se difícil esclarecer se as evidências apresentadas para outros sistemas, tanto do sujeito nulo de referência definida quanto do sujeito nulo de referência

genérica, estão em distribuição complementar com sujeitos expressos ou constituem uma variação produzida pela competição de gramáticas, cujo desfecho poderia ser a perda total do fenômeno.

O capítulo 4, de Galves, retoma a discussão da natureza da concordância no PB e sua relação com a derivação sintática de várias construções que distinguem essa variedade do português da variedade europeia. Partindo da hipótese do enfraquecimento da concordância como base de muitas dessas propriedades peculiares (Galves, 1993), são apresentadas e problematizadas várias análises subsequentes propondo uma codificação sintática da concordância fraca subjacente à natureza peculiar do sujeito nulo, e aos fenômenos de hiperlçamento, no quadro teórico da Teoria de Princípios e Parâmetros, particularmente no modelo minimalista. Essas análises podem ser divididas em dois grupos no que diz respeito à natureza da posição sujeito no PB. Para alguns autores, trata-se de uma posição A-barrado, assimilável a uma posição de tópicoo. Outros, pelo contrário, argumentam que as propriedades de sujeito e de tópico ainda são distintas na língua e que as características peculiares das primeiras se devem essencialmente à incompletude ou fraqueza de traços da categoria Tempo. O capítulo argumenta a favor da primeira hipótese, seguindo a análise inicialmente proposta por Avelar e Galves (2011), que deriva a natureza A-barrado da posição de especificador de Tempo da sua independência em relação à ação dos traços-phi herdados da categoria Comp (Chomsky, 2000). Argumenta-se que esse modelo consegue explicar um conjunto importante de propriedades morfossintáticas do PB, em particular todas aquelas que podem ser atribuídas à influência das línguas africanas, discutidas nos capítulos 1 e 2. Deriva-se também dessa abordagem uma nova concepção da relação entre morfologia e sintaxe, na mudança que leva ao PB. Em particular, não se procura codificar as propriedades morfológicas da flexão verbal nos traços abstratos associados à categoria T. Concretamente, não se traduz o empobrecimento da morfologia pelo enfraquecimento, ou pela incompletude, dos traços-phi. A parametrização da derivação sintática ainda faz referência a esses traços, mas está centrada na variação do ponto na derivação em que se dá sua transferência de Comp para T (cf. Holmberg, 2010). Desse ponto de vista, a relação entre morfologia e sintaxe é mais de compatibilidade entre os dois módulos do que de dependência da segunda em relação à pri-